

Arte como Instrumento de Transformação através da Educomunicação

Camila De Carvalho CEZAR¹

Tathiany Barbosa da SILVA²

Rodrigo Emanuel De Freitas APOLINÁRIO³

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande - PB

RESUMO

Este artigo aborda a arte como instrumento de comunicação e aprendizagem de crianças do 3º ano, do ensino fundamental I, da Escola Manoel Francisco da Motta, em Bodocongó na cidade de Campina Grande, que são tímidas em sala de aula. O objetivo é desenvolver a capacidade de aprendizagem do indivíduo, buscando perceber as necessidades educativas especiais de todos os sujeitos-alunos, em salas de aulas comuns. A proposta metodológica adotou a pesquisa-ação exploratória qualitativa de imersão no campo em questão, como estratégia, somatizando a arte como ferramenta transformadora que potencializa aquela sociedade. O estudo se desenvolve a partir de apontamentos no campo da Educomunicação, por meio da Expressão Comunicativa através das Artes e outras vertentes relevantes da Educação Inclusiva na Escola. Percebe-se que a arte como instrumento de educação é uma boa ferramenta para desconstruir paradigmas e fortalecer a inclusão de crianças, promovendo a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos.

PALAVRAS-CHAVE: arte; crianças tímidas; educação básica; educação inclusiva; educomunicação;

I Introdução

Quais os pontos negativos que interferem na comunicação? Quais estratégias foram utilizadas para melhorar e/ou facilitar a comunicação nesses espaços? Alguns questionamentos são feitos para nos fazer construir um senso crítico com base respeitosa e humana, nos relacionamentos interpessoais, contribuindo para a boa convivência.

Com o pensamento de mudar este parâmetro educacional, acionamos ideias que desconstroem a realidade onde estavam inseridos e buscamos estimular, de modo artístico educacional, a melhor socialização dos mesmos.

¹ Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Comunicação Social – Linha de formação em Educomunicação - Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), email: camilacezar@gmail.com.

² Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Comunicação Social – Linha de formação em Educomunicação - Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), email: taathy.b@gmail.com.

³ Mestre em Literatura e Interculturalidade (Universidade Estadual da Paraíba - UEPB), especialista em Cultura e Meios de Comunicação: uma abordagem teórico-prática (Serviço à Pastoral da Comunicação - Sepac/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP), bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (UEPB). Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda Habilitação no Centro Universitário do Vale do Ipojuca (Unifavip/Devry). E-mail: rodrigoapol2@gmail.com.

Como metodologia, a pesquisa utiliza a pesquisa-ação exploratória qualitativa através do método dialético, intervindo na situação problema do ambiente, intencionando na alteração do pensamento do público-alvo.

O intuito deste artigo é entender o comportamento de crianças com timidez e introspecção no âmbito educacional, visando métodos de intervenção que conscientizem e modifiquem esta realidade, sem interferir no ritmo da criança mais tornando-a mais participativa em sala de aula buscando uma evolução gradativa, de qualidade e respeito.

1 Educomunicação

A Comunicação tem sido fonte de estudos, por muitos pesquisadores, à décadas, e a preocupação por entendê-la, culturalmente, fez surgir importantes teorias e estudiosos na área. Com a evolução humana, bem como na forma lingüística e comunicacional, surgiram novos suportes para a comunicação. A Comunicação e a Educação imbricados com/pela mídia faz nascer um novo campo de pesquisa atualmente nomeado de Educomunicação.

Ociosos por compreender quais os efeitos da mídia na sociedade, o Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE) contribuíram na concentração de informações que embasaram a pesquisa, na busca por vertentes da *media education*, em alguns países da América Latina. Com a formação do NCE e o curso de especialização em Comunicação e Educação - USP efervesceu a proposta de criar uma revista *Comunicação&Educação*, com a proposta de disseminar o novo campo.

Segundo Ismar (2002, p.17) a construção de ecossistemas comunicacionais abre portas para novas possibilidades de crescimento do consciente cidadão. São novos ambientes de atuação que estão surgindo, da interface comunicação e educação.

A formação de cidadãos com consciência crítica, que analisem com teor as mensagens recebidas tem sido um desafio, pois muitas vezes, estes indivíduos ficam a mercê das informações sem domínio mediático do suporte.

A educação para a mídia, em linhas gerais, diz respeito às práticas não profissionalizantes de estudo da mídia por cidadãos comuns, principalmente por crianças e jovens, tendo o objetivo de torná-los aptos a desenvolver um pensamento crítico sobre as finalidades e a atuação social dos veículos de comunicação, analisar as mensagens que neles circulam e usufruir dos benefícios e recursos dialógicos disponibilizados para as comunidades pelas tecnologias da informação e comunicação (ALMEIDA, 2012, p.2).

A educação midiática é de suma importância para cidadãos comuns que utilizam da comunicação de massa para adquirir informações. Com o auxílio de educadores, ONGs e Instituições de ensino, a mediação será efetuada com mais eficácia, "[...] a educação para uma recepção ativa e crítica das mensagens midiáticas apesar de continuar sendo obra de pioneiros, avança com expectativas positivas para o futuro" (SOARES, 2014, p. 17).

1.1 Conceitos relevantes para o campo da Educomunicação

O direito constitucional de obter informações públicas, regulamentado na Lei Federal nº 12.527/2011 de 18 de Novembro de 2011, alimenta a transparência e fomenta o controle social na administração pública, bem como possibilita, a qualquer indivíduo receber informações dos órgãos e entidades públicas. Para fortalecer esta norma, o Artigo 19, previsto em 1948, na Declaração Nacional dos direitos humanos, estabelece o direito à liberdade de expressão e opinião. As concessões públicas transparecem a problemática desta norma, contratando terceiros que exerçam um serviço público, abrindo um jogo de interesse entre Administração Pública e empresa privada.

A possibilidade de engajamento destas questões no âmbito social da população é uma problemática bem analisada por diversos estudiosos, a exemplo de Peruzzo (2006, p.4) que caracteriza a comunicação popular e alternativa, "como expressão das lutas populares por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do 'povo' ", enfatizando a emergência e mobilização coletiva que têm voz na sociedade.

A proposta de comunicação dialógica de Freire estimula e incentiva à consciência crítica para a transformação social. Os meios de comunicação não transmitindo informações com a perspectiva dialógica, abre portas aos meios de comunicado, como enfatiza Freire (2003, p.26 *apud* RIBEIRO, 2013, p.87) "na verdade, o que se está fazendo, em grande parte, com os meios de comunicação, é comunicado! Em lugar de haver comunicação real, o que está havendo é transferência de dados, que são ideológicos e que partem muito bem vestidos." O feedback midiático é anulado, não havendo a democratização para os meios, inoculando a liberdade de acesso à informação.

As decodificações das mensagens transmitidas, transpassam algumas posições hipotéticas, como: dominante, negociada e de oposição. Estas leituras aportam uma batalha pela significação. Neste sentido, "os textos culturais são o próprio local onde o significado é

negociado" (HALL, 2012, p.113) e mesmo reproduções midiáticas também são produtoras de sentido ativo. Esta leitura consumista é dita, muitas vezes, alienada.

Os conteúdos midiáticos em caráter polissêmico oferecem alternativas de expressão do pensamento, mesmo o discurso eletrônico obtendo resultados particulares e um alto grau de denotação que não viabilizam ao espectador, a identificação do código organizado, como destaca Hall (1982, s/p, *apud* GÓMEZ, 2005, p. 29), “toda linguagem, por mais natural que pareça, incorpora um código que é produto de um critério e de uma orientação determinados.” Conteúdos polissêmicos e a dualidade de informações fortalecem a perspectiva de Barbero vista também por Orozco para o emergente desafio da produção de sentido e importância da compreensão midiática.

Nesta perspectiva, Michel Foucault em *A Ordem do Discurso* ressalta estratégias de controle do discurso que controla o poder e exclui quem fala na sociedade. Falar não apenas no sentido real da palavra, mas na vontade de verdade de quem tem vontade de verdade. O interdito, um dos princípios da exclusão, enfatiza esta visão do que não é dito como verdadeiro, é uma loucura consolidada.

Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja Tabu do objecto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala (FOUCAULT, 1996, p. 2).

O que falar deste sistema padronizado que dá voz, porém estimula o cidadão a não ter vontade de verdade para sentir-se incluído num solidificado sistema tornando-o humano conformista. O poder midiático produz voz ativa e as ações enraizadas pelos pioneiros fortalecem este olhar para a vontade de verdade, desconstruindo a verdade universal que pode partir de um sujeito que fortalece e/ou dá voz a verdade.

1.2 Expressão comunicativa através das artes: área de intervenção educacional

A educação, além de fortalecer o senso crítico a partir de uma ação de conscientização bem como adquirir novos olhares para o mundo, propõe alternativas inovadoras de mediação, que objetiva amenizar a 'dor' social.

Em educação, intervenção não significa interdição, invasão, imposição ou interrupção, o sentido é o da realização de atividades, da proposta de alternativas inovadoras, da mediação, da oferta de referências libertadoras, que usualmente, por diferentes motivos, não são vislumbradas pelos membros de uma comunidade (SOARES, 2011, p.49 *apud* ALMEIDA, 2016, p.7).

Ações interventivas propõem desenvolver estratégias que fomentem as ideias espontaneamente na sociedade de acordo com suas necessidades. As áreas de intervenção da Educomunicação foram sistematizadas com base nas práticas desencadeadas na população, inserido nesta interface educação e comunicação.

As áreas de intervenção vêm com a proposta de aguçar o conhecimento utilizando de métodos que ajudam a sociedade a observar o mundo com novos olhares, promovendo a busca de autoconhecimento bem como proporcionando a consciência do seu lugar neste mundo e o poder transformador que tem nas mãos. À exemplo da área *expressão comunicativa através das artes*, que promove a liberdade de expressão, através da arte, estimulando a criatividade e interação artística, aprimorando a sensibilidade e contribuindo com a disseminação da comunicação em seu grau independente, como explica Almeida (2016, p.8 *apud* Soares, 2014, s/p), “práticas que valorizam a autonomia comunicativa das crianças e jovens mediante a expressão artística – arte-educação”, não havendo termos que limitam a criatividade e liberdade que a arte em sua plenitude oferece compreendendo que “[...] todo sujeito é livre e independente do resultado final, o processo educacional em si, no qual se dá a ação, a comunicação e a produção de sentidos, é transformador e inclusivo” (ALMEIDA, 2016, p.8).

2 Comunicação nos espaços de educação formal

Os desafios da educação formal e seus novos espaços, propiciaram estudos nesta área que hoje é tomada como disciplina do curso de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação da UFCG, desde 2010. Com o objetivo de desenvolver ambientes educativos, além de mapear os diversos espaços que já existem pelo mundo, “[...] explorar o potencial das tecnologias e da comunicação na aprendizagem, planejar e elaborar estratégias de integração dos meios de comunicação e mapear as práticas educacionais” (ALMEIDA, 2015, p.452).

As atividades práticas escolares que são desenvolvidas em espaços não-formais que são, não institucionalizados, fortalecem a eficácia da aprendizagem do aluno, considerando ampliar seus espaços de conhecimento para pátios, áreas verdes próximas à escola, lugares que fomentem a criatividade e a prática educativa, mesmo estando tão presente no espaços convencionais.

3 Educação Inclusiva na Escola

Com a necessidade social de 'se fazer presente', com bom humor, simpatia e alto grau de comunicação, num século onde a regra é aparecer a qualquer preço, os tímidos ou introspectivos sofrem uma tortura que causam sérios problemas, desencadeando, muitas vezes, doenças psíquicas por não estarem encaixados neste padrão. Com os avanços tecnológicos, esta problemática, acentua-se ainda mais.

Engana-se quem pensa que a internet trouxe algum alento aos tímidos. Ao se esconder atrás de mensagens eletrônicas, eles enfrentam cada vez menos o contato pessoal. Além disso, os avanços tecnológicos aceleraram o ritmo de tudo e de todos. Exigem-se rapidez e velocidade em todas as situações. Ninguém tem paciência para nada (QUEM ESCREVEU? A tortura da timidez, [2004?], s.p).

Resgatar um processo humanizador, trazendo uma linha horizontal de aprendizagem não inoculando as diferenças, é possibilitar a inclusão. Saber mediar as relações interpessoais é importante neste processo inclusivo. A arte é um instrumento de interação e desenvolvimento humano. Ela contribui na crescente sensibilização do indivíduo, bem como promove a liberdade de expressão, sem limitações e imbricada com a singularidade de cada ser. A criança tímida, no ato libertador que a arte oferece, sente-se capaz e inclusa naquele processo onde todos se expressam sem tabus.

A escola inclusiva é o lugar onde todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter, conhecendo e respondendo às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.11).

III Metodologia e Discussão: Processo de Intervenção e Resultados obtidos

Quadro 1 – Características do público-alvo da intervenção

Desenvolvimento da proposta interventiva
Local: Escola Municipal Manoel Francisco da Motta; Campina Grande, PB. Educadora: Maria Do Socorro; Gestora: Cristina Galvão;
Público-alvo: Alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I - Ensino básico;
Período de Execução: Fevereiro à Março de 2017; (17, 20 de fevereiro e 17 de março);

Fonte: Produzido pelos autores

A educação básica, prepara os alunos para as constantes mudanças da realidade. Estes anos iniciais que englobam 1º ao 5º ano motivam a criança para o diálogo, incentivando-o ao

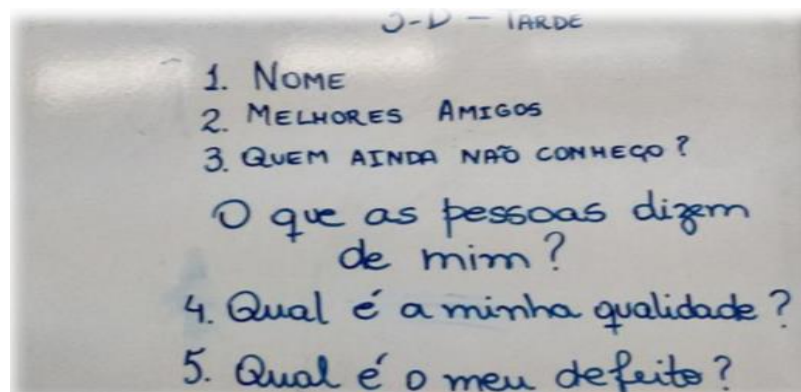
desejo de pesquisa e conhecimento e por este motivo, escolhemos o 3º ano da educação básica. Vale salientar que, no momento do diagnóstico, não tínhamos um tema pré estabelecido. As dinâmicas em equipe e individuais buscaram compreender como os estudantes se desenvolviam em sala de aula. Antes do planejamento, da intervenção, foi realizado um diagnóstico que iniciou-se com uma breve apresentação e trabalho de memorização, onde cada criança falava seu nome e dos colegas anteriores a ele(a). A proposta, foi saber se todos ali presentes se conheciam, sabendo que estávamos no início do período letivo. Pudemos capturar muitos colegas que já se conheciam das séries anteriores, que mesmo estando todos os dias face a face, não sabiam os nomes uns dos outros. O que nos alertou. Com esta atividade interventiva, proporcionamos uma maior visibilidade do quadro encontrado no 3º ano do ensino básico (Fundamental I) para a professora Socorro Barbosa.

Após a brincadeira do "Qual o meu nome e o seu?", demos início às outras dinâmicas e conversas, na busca por um tema, que fosse coerente com a turma. Dividimos estes momentos em dois blocos:

- 14h00 às 15h00 - Questionário do "Quem somos nós?"
- 15h40 às 17h00 – Conversa-ação e Retrato-falado;

O questionário do "Quem somos nós?" Teve o objetivo de avaliar, qual era a visão das crianças sobre seus colegas de classe e identificar seus pontos de vista, sobre seus colegas de classe, bem como as nomeações atribuídas por outrem de si mesmo. Observando assim, atos exclusivos e inclusivos dentro de sala.

Figura 1 - Questões apresentadas para as crianças durante a intervenção



Fonte: Produzido pelos autores

O questionário ofereceu uma visão mais ampla do quadro desta turma. Levando em consideração alguns aspectos relacionados a realidade dos alunos e concepções atribuídas por eles. O quesito (3), "Quem ainda não conheço?" ainda referente

aos seus pontos de vista, possibilita algumas posturas de comparativa aos outros quesitos. Este diagnóstico, gerou informações importantes para análise. Ao todo a pesquisa foi feita com toda a sala, que consiste em 22 alunos.

1 Análise do questionário

Na situação houveram duas crianças que chamaram a nossa atenção. Nomearemos as crianças como:

Criança_1: Qualidade: gosto de cantar; Defeito: dizem que sou chata.

Criança_2: Qualidade: sou tímida; Defeito: dizem que sou chata.

Desta investigação,

- 30% afirmam não conhecer a criança_1;
- 36% afirmam não conhecer a criança_2;

Realçando assim, as respostas das duas crianças para o termo "dizem que sou chata", atribuído pelos colegas de classe como "defeito".

45% dos alunos que afirmam não conhecer as criança_1 e criança_2, as nomeiam como *tímidas* pelos colegas que não as conhecem. Destacando:

- 36% afirmam que a criança_1 é tímida;
- 23% afirmam que a criança_2 é tímida;

Este quadro não nos surpreende, pois segundo a professora da turma, esta é a classe com mais alunos tímidos, com realces nas principais características:

1. Ficar desconfortável em uma sala cheia de estranhos;
2. Sempre pensar antes de falar;
3. Se recolher é sempre uma opção;
4. Não gostar de holofotes;
5. Estar sempre em silêncio, falando baixo;

64% dos estudantes possuíam estas características primordiais. Reafirmando a informação nas respostas do questionário.

Concluimos esta exposição trazendo uma reflexão sobre o conceito de qualidade ou defeito, tomando como referência a *timidez*. A resposta imediata dos alunos não nos espantou, quando eles em voz alta afirmam que "*ser tímido é um defeito*". Pois acreditam que ser *tímido* é um problema social. Será?

A criança_2 nos espanta quando em voz alta, contra todos que afirmam ser um defeito, ela grita: "É uma qualidade", e todos a sua volta, também não acreditam na fala do colega. Em

resposta ao questionário ela nomeia a *timidez* como sendo sua maior qualidade. Enquanto que 50% afirmam ser um defeito social.

2 Desenvolvimento da pesquisa

Tivemos o intervalo e retornamos as salas às 15h30, continuando o processo de diagnóstico que está dividido em:

Conversação: Em círculo abrimos uma roda de conversa para debatermos um pouco sobre amizade e inclusão. Na tentativa de aumentar o índice de crianças inclusivas em aula, falamos sobre o conceito de timidez e as principais características existentes, bem como mostrando que muitos que se nomeiam extrovertidos, também se vêm "desconfortáveis em uma sala cheia de estranhos". Eles identificaram que independente das suas reações levarem ao conceito de tímida, existem muitos pontos em comum que ligam estas crianças. E é neste ponto que intervimos, contribuindo na inclusão e desconstrução desse paradigma.

Na proposta abrimos a roda de diálogo e logo houve um questionamento: "Tia porque fazer uma roda. Tava bom daquele jeito." Aproveitamos para conversarmos sobre o papel da comunicação em círculo, construindo algumas pontes de diálogo, trazendo suas realidades para a situação e abrindo o questionamento de que todos conseguem enxergar, uns aos outros. Facilitando assim a visibilidade do colega, ampliando a comunicação horizontal.

Reflexo da Imaginação: Logo após pedimos que eles desenhassem os colegas, que não conheciam e especificasse qual a principal qualidade deste amigo. As respostas foram surpreendentes. Além de ótimos desenhos, que seria uma prévia do olhar fotográfico das crianças, eles também se permitiram enxergar este conceito com outros olhos. Sendo 78% dos alunos afirmando que os colegas com pouca proximidade, são tímidos. Não os definindo como defeito ou qualidade, mas simplesmente por tímidos. Desenvolvendo assim a consciência crítica sobre este assunto para com os colegas de classe e até mesmo para desconstruir suas concepções.

3 Intervenção: Desenvolvimento do processo

Na terça-feira, dia 20 de fevereiro, retornamos a Escola, com a proposta de intervenção, já definida com a professora Maria do Socorro Barbosa, como também com a direção escolar. A proposta de intervenção, tomou como critérios os questionários avaliativos e conversação e processo de retrato- falado, realizados no diagnóstico, no dia 17 de fevereiro de 2017.

Buscamos referenciais teóricos que embasassem nossa pesquisa, realçando as práticas de dois grandes pioneiros da educomunicação, como: Paulo Freire, através do método Paulo Freire de Alfabetização, com fomentação na comunicação horizontal e compreendendo o educando como um mundo distinto que possui uma realidade individual. Implementando-o no processo de aprendizagem e principalmente, com base no conceito da Pedagogia do Oprimido, evidenciando a prática dialógica, fortalecendo o conceito de Empoderamento que advém da "Liberdade do oprimido" e Celestin Freinet com a prática significativa da atividade em campo, desenvolvendo as aulas-passeios, produzindo conhecimento e texto-livre para inserir num Jornal Escolar como incentivo. Realçando o valor da educação horizontal bem como enfatizando o trabalho em equipe e enraizando a escola democrática e inclusiva, partindo da realidade do estudante.

O tema escolhido para esta intervenção foi: Educação Inclusiva Com a proposta de estimular o desenvolvimento da consciência crítica na criança, através de oficinas ministradas por Camila De Carvalho e Tathiany Barbosa. A intervenção foi subdivididas em etapas:

Quadro 2 – Cronograma da Intervenção

CRONOGRAMA Horário disponível (13h00 às 17h00)
<ul style="list-style-type: none"> ○ (13h00 às 13h20) Apresentação da Intervenção para as crianças; *Atividade ao ar livre (aula-passeio) <ul style="list-style-type: none"> - Respondendo as perguntas com expressões; (medo, raiva, alegria, triste, vergonha) - Gravação do <i>mannequin challenge</i> das expressões; ○ (13h20 às 14h40) Intervenção através das oficinas; * Oficinas <ul style="list-style-type: none"> -<i>Fotografia</i>; Expectativa: Desenvolver uma exposição fotográfica; -<i>Atividade Dialógica</i>; Expectativa: Desenvolver um Jornal Escolar (Cartinhas motivacionais); ○ (14h40 às 15h20) Educação física oferecida pela Escola - Recreio *Processo de observação dos alunos; ○ (15h30 às 17h00) Desenvolvimento das oficinas; * Oficina de Dança; Trabalho de interpretação musical e desenvolvimento corporal e em equipe; - Música: Isso É o Amor (Miro Santoli); * Conclusão das oficinas anteriores; <i>Apresentação em classe das atividades desenvolvidas e distribuição das cartas feitas para os colegas de sala;</i>

Fonte: Produzido pelos autores

Antes de iniciarmos as oficinas de fotografia e atividade dialógicas com asicineiras Camila De Carvalho e Tathiany Barbosa, introduzimos as oficinas, com a atividade ao ar livre (aula-passeio). As crianças eram desafiadas a responderem cinco perguntas com as expressões pré-estabelecidas (medo, raiva, alegria, tristeza, vergonha).

PIRÂMIDE DAS EXPRESSÕES

Medo = (Mãos ao alto)

Raiva = (Rosto irritado)

Alegria = (Sorriso na boca)

Tristeza = (Corpo esmorecido)

Vergonha = (Mão escondendo o rosto)

3.1 Método avaliativo: Pergunta – resposta:

- *Como você reage quando precisa estar na frente da sala?*

Expressão: Vergonha (Mão escondendo o rosto)

- *Como você reage quando vem a escola?*

Expressão: Alegria (Sorriso na boca)

- *Como você reage quando seus amigos riem de você? (raiva)*

Expressão: Raiva (Rosto irritado) e Vergonha (Mão escondendo o rosto)

- *Como você reage quando sente-se pressionado a fazer algo? (Medo)*

Expressões: Medo (Mãos ao alto) e Vergonha (Mão escondendo o rosto)

- *Como você reage quando vai ao recreio?*

Expressões: Tristeza (Corpo esmorecido) e Vergonha (Mão escondendo o rosto)

Diante do quadro encontrado, dividimos a sala em três equipes:

- Tímidos (alto grau de introspecção);
- Tímidos (situações particulares);
- Não tímidos;

Dividimos a equipe, entre tímidos (alto grau de introspecção) na oficina de fotografia, tímidos (situações particulares) e não tímidos na oficina dialógica.

4 Metodologia e discussões das oficinas dialógica e de fotografia

Como ferramentas, utilizamos um tripé e uma câmera semiprofissional. Inicialmente começamos a montar os instrumentos, observamos alguns olhares curiosos e interessados.

Durante a atividade perguntamos, se algum dia já haviam fotografado por (celular, tablet, câmera) e fomos impactadas com a resposta de todos. O não unanime, nos assustou. Alguns ainda se aprofundaram na resposta ao dizer que seus pais não permitiam.

Continuamos a questionar: Vocês têm interesse em fotografar? E a resposta, de boa parte, foi positiva. Ainda relataram que a falta de acessibilidade dificultava o interesse para fotografia.

Conversamos da importância do olhar fotográfico e analisar "porque tirou esta foto?" Fotografando uns aos outros, eles podiam expressar através de gestos como sentiam-se ao ir para o recreio.

Ensinamos o comando simples ao pegar numa câmera, trabalhamos com o zoom, já que o nosso maior interesse seria captar as expressões e a aproximação no assunto de interesse, revela os sentimentos e expressões minuciosas, bem como instruí-los a identificar o botão de captar a imagem.

Demos início ao exercício e ficamos apenas observando e orientando algumas dúvidas. Logo pudemos observar uma interação entre eles, como também o quanto sentiram-se em casa com a máquina fotográfica. Eles combinaram em fotografar uns os outros e começaram a opinar e se perguntar: Porque tiraste assim? Gostasse da foto? Pode ser melhor? Fiquei encantada pois, pude ver sorrisos e gargalhadas de satisfação e conforto pela prática de tal atividade.

Já perto da finalização da atividade, uma única criança que havia se recusado a participar, ficando isolado de todos, mas sorrindo dos acontecimentos, me chamou e pediu para colaborar. Logo três colegas, que havia se destacado na atividade, ficaram animados com a sua disponibilidade em participar do exercício. Tiveram a ideia do amigo fotografar os três colegas juntos e depois organizar a câmera e todos estarem na foto em plano médio. Eles se divertiram e em seguida retornaram a sala. O resultado desta atividade era justamente este. Respeitar o tempo e o espaço da criança despertando nela o desejo de participar de livre e espontânea vontade, fazendo com que ela aprenda e se divirta. Nossa intenção é conscientizar estas crianças e toda a instituição (Alunos, professores e gestores) que lidamos com vários mundos e a educação linear tem seus fatores positivos mas precisamos ramificar nossa mente e modo de pensar educação.

Na oficina dialógica, fizemos um grande círculo, de pergunta-resposta do tipo: O que é ser tímido? Ser tímido é um defeito ou qualidade? E as respostas foram surpreendentes. Ser tímido, segundo o nomeado comunicador da classe é ser quieto, não falar muito. Enquanto que todos concordaram que: ser tímido é um defeito.

Enquanto, dialogávamos cada equipe (*tímidos e não tímidos*) defendia suas posições diante dos assuntos sobre timidez. Desenvolveram suas ideias, ou até mesmo ampliaram a

consciência dos *não tímidos* sobre alguns aspectos sofridos na Escola e na vida como: "Não gosto de sair para o recreio. Mas não tenho opção, a não ser ,estar neste lugar cheio de gente." "Não gosto quando um colega me xinga."

E conversamos abertamente, alertando sobre as dificuldades que têm os colegas tímidos, expandindo suas visões de mundo e conscientizando sobre .

Após a "Aula-passeio", em classe eles foram convidados a escrever um carta, para os colegas que estavam na outra oficina, ministrada por Camila Carvalho (Tímidos - alto grau de introspeção) e o resultado foi encantador. Eles trocaram cartinhas e até choraram.

4.1 Oficina de Dança

Música: Isso É O Amor (Miro Santoli)

Inicialmente, fizemos uma leitura da música Isso É O Amor-(Miro Santoli), para entendê-la e senti-la profundamente. As crianças não conheciam e descobri-la foi encantador.

Eles interpretaram e relataram o que a música oferecia como mensagem.

- "Fala sobre amizade. Que devemos abraçar o amigo triste".
- "Que devemos agradecer todos os dias e cuidar do amigo".

Assim, separamos toda a sala em quatro equipes, divididas pelo método circular nomeando-os de um à quatro. Com a proposta de identificar se houve mudança de comportamento das diferentes equipes, separamos em :

- i.Tímidos - alto grau de introspeção;
- ii.Tímidos - situações particulares;
- iii.Não tímidos;

A proposta foi misturá-los e identificar os comportamentos durante a oficina de dança, já que tivemos um trabalho de conscientização nas oficinas anteriores, como também no diagnóstico há alguns dias.

Prontamente nos organizamos na sala e começamos o ensaio.

Durante o processo, observamos o envolvimento das crianças com total interesse e determinação.

Grupo_1: Tímidos (alto grau de introspeção) e Não tímidos;

Grupo_2: Tímidos (situações particulares) e Não tímidos;

Grupo_3: Tímidos (alto grau de introspeção) e Tímidos (situações particulares);

Grupo_4: Tímidos (alto grau de introspecção); Tímidos (situações particulares) e Não tímidos;

Decidimos lançar um desafio: As coreografias eram desenvolvidas separadamente. Cada grupo tinha 10 minutos para desenvolver sua coreografia e fixá-la. O que nos surpreendeu foi a empolgação dos alunos e determinação de todos para desenvolver os movimentos com a equipe, foi indispensável.

O Grupo_3: Tímidos (alto grau de introspecção) e Tímidos (situações particulares) concluíram a coreografia em apenas 7 minutos, de 10 minutos disponíveis, concluindo com êxito o desafio. Após o ensaio, partimos para a gravação do vídeo, no pátio aberto da escola. O que chamou atenção dos colegas de turmas diferentes.

IV Considerações Finais

Observar o amadurecimento da consciência crítica destas crianças, foi mágico. Plantamos uma boa semente inclusiva naquela turma. No desenvolver das oficinas, presenciamos muitos abraços, choros, verdades e muito carinho. É claro, que esta ação deve ser constante, mas saímos com a certeza de semente plantada, é motivador. Voltamos próximo dia 17 de março, para realização da comparativa da análise colhida.

A partir da coleta de dados utilizada na pesquisa-ação por meio da conversação e desenvolvimento de perguntas referentes ao tema proposto, percebeu-se na comparativa que o reflexo no comportamento das crianças são cada vez mais perceptivos, com relato de pais e da professora de bons resultados, contribuindo significativamente na construção da consciência crítica.

Com a proposta de retorno, continuaremos com a intenção de intervir por meio das disciplinas direcionadas para a turma do 3º ano A, somatizando com a sugestão da mediação e intensificando a ação e o senso crítico das crianças.

Somos gratas a equipe escolar, composta pela professora Maria do Socorro Barbosa e pela gestora, Cristina Galvão, bem como aos alunos do 3º ano - turma D, do ensino fundamental – Tarde, da Escola Municipal Manoel Francisco da Motta, localizada no bairro de Bodocongó, Campina Grande.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raija Maria Vanderlei de. **Comunicação nos espaços de educação formal.** *CECS – Centro de Comunicação e Sociedade*, pp. 444–455, 2015. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2255/2172>. Acesso em: 25 mar. 2017.

ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de. **Educomunicação: o pensamento latino americano sobre educação para a mídia e produção literária nacional sobre o tema.** *Anais do XVI Celacom.* Bauru: Unesp, 2012. Disponível em: <https://ligiabeatriz.wordpress.com/2016/01/30/o-pensamento-latino-americano-sobre-educacao-para-a-midia-e-a-producao-literaria-nacional-sobre-o-tema/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

_____. **Educomunicador: que profissão é essa?**, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1759-1.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

OLIVEIRA, Otávio Dias de. **A tortura da timidez.** *Revista Época*, online. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR63421-6014,00.html>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

DECLARAÇÃO DE _____ SALAMANCA, Brasília: Corde, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso.* Disponível em: http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault_ordemdodiscurso.pdf. Acesso em 30 jan 2016.

HALL, Stuart. Encoding/Decoding. In: HALL, Stuart et al. *Culture, Media, Language.* Centre for Contemporary Cultural Studies. Londres: Routledge, 2005b. p. 111-127.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva.** *Communicare.* São Paulo, v. 5, n. 1, 2005, p. 27-42. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/Communicare-vol.-5.1.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

PERUZZO, C.M.K. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. *Anais do XXIX Intercom,* Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.unifra.br/professores/rosana/Cicilia+Peruzzo+.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

RIBEIRO, Fernanda Pereira. **Paulo Freire na Comunicação e os meios de “comunicados”.** *Rizoma.* Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 2, 2013, p. 79-91. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/4058/3131>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da educomunicação.** *Comunicação & Educação,* São Paulo, v. 233, 16 a 25, jan./abr, 2002, pp. 16-25. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>>. Acesso em: 10 mar 2017.

_____. **Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação.** *Comunicação & Educação,* São Paulo, v. 19, n. 2, p. 15-26, set. 2014. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

Referências Complementares

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

CANDIOTTO, Cesar. **Foucault: uma história crítica da verdade.** vol.29, n.2, 2006, pp.65-78.